

Uma Pedra no caminho

Tipo de escalada mais simples, o bouldering não requer equipamento nem grandes planejamentos. O que interessa é superar o obstáculo da vez - como aquela rocha na sua frente

Por CAIO VILELA

*"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra
no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho
tinha uma pedra."*

A estrofe de abertura de *No meio do caminho*, poema modernista que o mineiro Carlos Drummond de Andrade publicou na *Revista de Antropofagia* em 1928 e chocou o público da época, resume à perfeição o bouldering. Trata-se de ultrapassar aquela pedra no meio do caminho. Simples assim. O bouldering é uma modalidade de escalada sem cordas, feita apenas com o corpo. Claro, tem a ajuda de um crash pad – um tapetinho de espuma de alta densidade capaz de amortecer eventuais quedas. Na natureza, é praticado em rochedos ou paredões – e dificilmente ultrapassa os 5 metros de altura. Pode também ser treinado em paredes artificiais de escalada. Na mochila, o “escalador” leva apenas sapatilha e pó de magnésio, enquanto o crash pad é colocado no chão. Divertido e barato, tem arrebanhado nos últimos tempos cada vez mais adeptos.

Bouldering também é enxergar caminhos na morfologia das rochas. Sonhar limites possíveis. E galgar inclinações negativas na unha. Trata-se, em outras palavras, dos quatro membros em ação e a mente sintonizada na solução de um “problema” – como são chamados os desafios propostos sobre os blocos de rocha. Tudo sem a preocupação com os danos de uma possível queda.

No bouldering não há topos almejados. Não é preciso utilizar

equipamentos nem aprender nós, manobras de rapel, ancoragens ou procedimentos de resgate. Basta reunir a galera em volta de uma pedra e começar a subir usando seu mais puro estilo pessoal. Liberdade total, na melhor tradição “dance como se ninguém estivesse olhando”. O timing é o seu. A duração depende do seu pique. Se chover, basta recolher a cesta de piquenique e marcar outro dia.

O primeiro passo é encontrar os boulders, blocos de rocha que permitem explorar rotas criativas de escaladas e o desenvolvimento de “problemas”. No Brasil não faltam opções. Quase todos os picos tradicionais de escalada estão cheios de “matacões”, como dizem os caboclos da Mantiqueira referindo-se às grandes pedras sobre o solo. Alguns desses lugares já criaram tradição. São Bento do Sapucaí e Ubatuba, em São Paulo. No Rio de Janeiro, Itatiaia, Salinas, Urca e Grajaú. Em Minas, Itajubá, Carrancas e São Tomé das Letras estão entre os destinos mais frequentes. Já perto de Brasília tem Cocalzinho de Goiás e seus famosos blocos de quartzito nas áreas baixas dos chamados Pireneus goianos, próximo a Pirenópolis.

O município mineiro de Conceição do Mato Dentro e a praia da Fortaleza, em Ubatuba, sediam competições geralmente ao longo do mês de julho, quando acontece o já tradicional Ubatuboulder, festival organizado pelo escalador e fera Alexandre “Linha” Paranhos. O potencial inexplorado do esporte, porém, permanece escondido em uma infinidade de rochas espalhadas país afora. Que o digam os blocos de granito da serra da Mantiqueira, o basalto gaúcho, o sólido gnaisse da baía de Guanabara, o calcário típico da serra do Cipó, em Minas, ou o arenito baiano da chapada Diamantina. Em volta das pedras, os escaladores mais treinados se destacam dos amadores e a performance da vez pode ser observada de perto. Muito diferente do que acontece em escalada tradicional, na qual o escalador geralmente passa o tempo sozinho, acompanhado apenas de um ou dois companheiros de “cordada”. O show acontece ao vivo, com um escalando e outros olhando e comentando. Sensação estranha para atletas como Eliseu Frechou, por exemplo, que está acostumado a trabalhar sozinho sua progressão na rocha, sem ninguém a observá-lo. Frechou diz que se interessa pouco pela modalidade, pois está sempre envolvido em grandes escaladas e complexos processos de logística e planejamento. Mas admite que curte ver seu crescimento, após haver testemunhado sua chegada com muito atraso ao país do futebol. “Bouldering é explosão, força, ousadia”, sintetiza. “Quem pratica não tem outras preocupações, então gasta uma energia maior em lances curtos, explorando movimentos que ninguém arriscaria em um lance prudente de escalada tradicional.”

Na outra ponta da linha, André Berezoski, um dos expoentes do esporte no Brasil, revela sua fissura pela “busca da perfeição nos movimentos e a natureza intensa do esporte”. André era escoteiro em Curitiba (PR) quando aos 14 anos viu uma parede

Adam Wandem se vira para superar um paredão de pedra. Sob ele, seus companheiros seguram o tapete para amortecer a eventual queda





Escalador se pendura para deixar "problema" para trás

AURORA PHOTOS/OTHER IMAGES

BOULDERING É ENXERGAR CAMINHOS NA MORFOLOGIA DAS ROCHAS. E PERCORRÊ-LOS NA FORÇA E NA TÉCNICA

de escalada em uma loja de mochilas. Subiu nela e nunca mais parou. Hoje participa de competições em circuitos indoor. "O bouldering é prático e dinâmico, ninguém fica parado", diz. É que, numa escalada de parede de pedra, enquanto um sobe, os demais precisam esperar meia hora ou mais para usar a via. "E no bouldering sempre tem alguém trabalhando o 'problema' enquanto outros descansam ou exploram as pedras vizinhas."

Nota-se que o ambiente do bouldering definitivamente não é de competição. E é justamente esse aspecto social que propicia momentos de aprendizado. Morador da chapada Diamantina, o escalador Pedro Andrade é testemunha do potencial pouco explorado daquela região da Bahia. "O que atrai os praticantes é a energia e a obsessão de completar um boulder bem difícil", acredita. "Isso sem mencionar que a reunião da galera em torno de um bom 'problema' é ótimo exercício." Os riscos são baixos, quando comparados com os envolvidos no alpinismo. Ninguém nunca morreu fazendo bouldering, pelo que se sabe. O máximo que pode acontecer é cair de mau jeito. E, nessa hora, saber cair é uma arte. Distensões musculares, lesões nos tendões e hema-

tomas sob a pele também podem acontecer. Nada tão radical e perigoso, no entanto, quanto o futebol de fim de semana dos não treinados. As regras de segurança são simples: se estiver sozinho, não abuse. Se estiver sem crash pad, abuse menos ainda. Detalhes que, no fundo, constam do mais elementar manual do bom senso.

Segundo os especialistas em resgate, qualquer queda acima de 2 metros para um adulto pode ter consequências desagradáveis e, por isso, contar com um bom crash pad é fundamental. Somando cautela, é bom contar com parceiros com boa noção de como fazer "segurança de corpo", como se chama o suporte dado com as mãos para atletas traçando uma via de inclinação negativa. No melhor dos mundos, todas as pessoas levam crash pad e todo mundo se diverte. Ou, como observa Paulo Arena, mestre aposentado da macaquite sobre pedras: "Embora para alguns o bouldering seja café-com-leite, qualquer modalidade de escalada é um esporte nobre, de elite", diz. "Isso porque exige muito preparo físico e concentração." Traduzindo: no bouldering, barriga de chope e músculos enferrujados não têm lugar.

OS MELHORES POINTS DO BOULDERING LÁ FORA Itália: Val Masino e Val di Mello; Suíça: Chironico; Reino Unido: Stanage; Suécia: Kjugekull; África do Sul: Rocklands; Estados Unidos: Hueco Tanks (Texas), Bishop e Yosemite (Califórnia), Joe's Valley (Utah), Rocktown (Georgia), Horse Pens 40 (Alabama) e Horseshoe Canyon Ranch (Arkansas); Índia: Hempi; Nova Zelândia: Castle Hills



03

ESPÍRITO 4X4

BETH WALD/AURORA PHOTOS/OTHER IMAGES

A americana Lynn Hill, maior expoente do esporte na década de 80 e tema de nossa próxima reportagem, desafia a gravidade